

Representações nas alegorias do centenário da imigração: ambivalências da tolerância.

José Roberto Severino* - FURB-UNIVALI

Neste artigo, pretendo apresentar uma breve discussão acerca de como as pessoas representaram a imigração nos eventos do centenário da imigração italiana para Santa Catarina a partir do registro fotográfico do evento. Neles acabei percebendo certas constâncias, reincidências, imagens mitificadas que se repetiam nas narrativas com as quais tive contato. Se por um lado descrevi o que foi grandioso, oficial, como as inaugurações de avenidas e praças, monumentos ao centenário, configurados mais no campo das estratégias, como pensadas em Certeau (1994), aqui vou ver o significado daquilo que se comemorava. O que nos revelam os registros fotográficos daqueles eventos? O que nos mostram as fotos do desfile nas comemorações do centenário sobre as representações da imigração? A narrativa que conduz o desfile mitifica o passado. Lembrança e esquecimento compõem o quadro das comemorações. Dizem-nos muito aquelas fotos tiradas com esmero a pedido do pároco da matriz de Rio dos Cedros. Dizem-nos do cuidado de lembrar dos moradores mais velhos. Mas, também nos dizem do esquecimento a ponto da Itália estar reduzida a uma península em forma de bota.

A mitificação da memória nas alegorias é a entrada para a usinagem de cada compartimento deste texto, escolhidas entre tantas outras a partir do critério de recorrência na bibliografia como marcantes na vida dos imigrantes italianos que são a alegoria da escola, da capela, do casamento e a da cachaça e do vinho. Estarei trabalhando as alegorias em perspectiva histórica, exercício feito com inspiração em Walter Benjamin (1991) para discutir os conteúdos de tais representações e, com isso,

tentar entender os embates em torno do pertencimento, da identidade e da diferença e de como ocorrem as operações de atualização na memória do drama da imigração.

Antes de iniciar com a análise de uma das fotos, convém tecer algumas considerações mais gerais do conjunto fotográfico em questão. Organizado pelo sacerdote da cidade de Rio dos Cedros na época das comemorações do centenário da imigração italiana para Santa Catarina, Pe. Victor Vicenzi, os álbuns cobrem todas as alegorias que desfilaram e estão depositados nos arquivos da prefeitura municipal. Foram publicadas algumas das fotos na primeira edição do livro organizado pelo mesmo sacerdote em 1985 (Vicenzi, 1985). Naquela edição, está ainda publicado o hino do centenário, bem como os nomes das pessoas que foram consultadas na elaboração do evento e do livro (uma espécie de compilação das pesquisas realizadas pelo pároco).

As fotos foram organizadas de forma a registrar simultaneamente as comemorações e a imigração. Como não existem tomadas panorâmicas, o evento é apresentado quadro a quadro. Da maneira como estão organizadas, as imagens permitem ver um desfile cívico muito semelhante ao de sete de setembro. Além disso, gostaria de pontuar algumas recorrências presentes nas imagens que escapam ao tom legitimamente *italiano* do livro e do evento, utilizando-me das fotografias como documentos e, portanto, como objetos da investigação aqui desenvolvida.¹ Cabe aqui uma observação no que se refere aos enfeites. Quase todas as alegorias foram enfeitadas por palmeiras. Minha terra tem palmeiras e esta é minha terra, diziam aquelas alegorias. Uma alusão à pindorama², uma maneira de se dizer pertencente ao Brasil,

* Professor de História da Furb/Univali. Doutor em História Social pela USP.

¹ Estou pensando na direção de uma história através da fotografia conforme propõe KOSSOY (1989).

² Terra das palmeiras, em tupi-guarani. Oswald de Andrade fala de pindorama no sentido da paródia, que não se aplica aqui. Sobre esta perspectiva ver <http://www.mre.gov.br/CDBRASIL/ITAMARATY/WEB/port/artecult/literat/antropof/>. Acesso em 21 jul. 2004.

mesmo em um evento que teve tantas nuances italianas. Elas nos informam dos hibridismos das manifestações e práticas presentes nas comunidades de descendentes. É nessa direção que é feita a análise das fotos, tentando estabelecer um diálogo entre as representações ali presentes e as noções de pertencimento que perpassam as discussões acerca da escola e de seu papel nas colônias, a igreja (capela) e o forte papel dela na vida das pessoas, bem como as festas religiosas e as tentativas de disciplinamento em todos os sentidos.

Foi, entretanto, no bloco dos índios que se configurou de maneira mais clara o caráter adscritivo presente na parada. Afinal de contas, se as comemorações eram as da imigração, então deveriam ser ritualizados todos os passos desse processo. Porém, o que estariam então os indígenas fazendo ali senão a reforçar sua condição de expropriados? A foto das comemorações apresenta os índios como bugres, mas também como o outro, aquele que não fazia mais parte do lugar. Nos moldes daquilo que pode ser definido como o *dilema americano*, conforme sugere Roberto Cardoso de Oliveira (1976, p. 48-51). Segundo o autor, o dilema americano foi o elemento que dinamizou os processos de articulação étnica e o *status* de cada configuração social nos diversos locais onde ocorreu.



Foto 1 - O bloco dos índios é uma colaboração do posto de Ibirama. A seqüência de 42 fotos foi batida do mesmo ângulo, e pode ser coincidência, mas todos os olhares são remetidos em outra direção no momento da passagem do bloco. Acervo da prefeitura de Rio dos Cedros, 1975.

O mito civilizatório é recorrente nas narrativas sobre o desbravamento da selva. A promoção de uma política de incentivo à imigração do século XIX é lembrada como episódio desprovido de outras pretensões que não as da ocupação de vazios demográficos. Convém lembrar que de um lado os fazendeiros faziam pressão na direção de manutenção de relações de trabalho por eles desenhadas na prática escravista, por outro, idéias que tinham apoio em correntes científicas que acreditavam nas possibilidades de branqueamento do Brasil, que se viabilizaria através da vinda exclusiva de imigrantes europeus do norte. Com representações semelhantes, grupos elitizados e letrados pareciam querer refundar a noção de herança genética nos discursos e nas ações culturais dos círculos de cultura italiana, no sentido de desencadear os

mecanismos ativadores de laços com as regiões de *origem*, por meio da criação de situações, da organização de eventos, muitos deles com a *roupagem típica*, ou das *identidades perdidas*. As atuais ações em torno da *identidade italiana* em Brusque, Nova Trento e Rodeio (SC) se articulam e se diferenciam em relação às identidades regionais, nacionais ou internacionais (Santa Catarina, Brasil, Itália). Neste sentido, a produção cultural em torno da italianidade pode ser um bom caminho para entender a complexidade cultural em questão. Mesmo considerando que as teorias racistas do século XIX foram, em grande medida, superadas pela tese da mestiçagem encampada e defendida por toda uma geração de intelectuais, a preocupação com as identidades como um problema intelectual contemporâneo, as discussões assimilacionistas³ de outrora dão lugar aqui a interpretações que comportam a diferença e reivindicam sua especificidade nas tramas do tecido social brasileiro. Nas representações sobre os descendentes de imigrantes italianos transformaram o estigma de “terra da barbárie” em “terra do trabalho”, e o colono, pobre, desautorizado a se manifestar na sua diferença, foi elevado nos discursos a herdeiro da civilização, aos moldes dos projetos de branqueamento propostos por intelectuais do império⁴.

Convém lembrar que as alegorias do centenário recorrem a diversas tradições culturais, muitas delas com arranjos absolutamente inusitados. Maria Bernardete Flores (1997) ao analisar as festas de outubro, percebe os caminhos e as estratégias das políticas culturais nos anos 80 e 90 em Santa Catarina. Houve uma série de investimentos no setor turístico do estado, com a configuração de mercado, e Blumenau passou a ser uma das cidades onde há investimentos nessa direção. Para a autora, é

³ Para um panorama do debate acerca da assimilação de estrangeiros na cultura brasileira, conferir OLIVEN (1992); ORTIZ (1985). Em ambos os autores há, de fato, um núcleo duro da cultura brasileira, possibilitando a assimilação dos estrangeiros e minorias. Sobre os projetos de nacionalização pela educação e pela cultura conferir RAFFAINI (2001); para um panorama das lutas pela etnicidade na sociedade brasileira, conferir LESSER (2001).

possível pensar o incremento de um mercado de bens culturais cada vez mais complexo e disputado, sendo as festas palco de estratégias de autodefinição (a festa alemã, “tradicional” e ligada à imigração), além de estratégias de consumo como o turismo cultural, hotelaria, constituindo-se num processo de criação e reprodução de capital simbólico (BOURDIEU, 1992) eleitos como traços diacríticos, definidores do “modo de ser” alemão etc.

A questão do embate das representações afirma uma diferenciação étnica (descendentes de italianos) engendrada por uma identidade regional (gaúcho) e acionada em favor do projeto de criação do estado do Iguazu. Depoimentos, textos, material publicitário permitem identificar a construção de uma identidade como projeto político. Todas as alegorias do desfile do centenário da imigração remetem à colônia em seus primeiros tempos. O colono imigrante na trajetória narrada pelos eventos é um vencedor. Como no título do livro de Grosselli, era vencer ou morrer (GROSSELLI, 1986). Certo é que o sistema de “colonização” teve sucesso no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, conforme Caio Prado Júnior.(PRADO JR., 1983). E, isso pode ter alguma relação com o próprio modelo adotado nos estados meridionais.

Uma análise crítica do movimento emigratório e das fontes e métodos utilizados para analisar e quantificar o fenômeno na Itália, no século XIX, pode ser encontrada em Emílio Franzina (FRANZINA, 1976). O autor analisa as condições sociais na Itália do ottocento e os fatores geradores da emigração. Franzina localiza o debate historiográfico e a questão da emigração como singularidade da historiografia contemporânea italiana. A partir disso, o autor passa a analisar as estatísticas e problematiza os aspectos expulsivos de volumoso contingente populacional, tais como: a concentração da terra; as altas taxas pagas pela propriedade da terra; competição desigual por parte dos grandes

⁴ Argumento que pode ser encontrado também em ALENCASTRO (1997. p. 291-336).

produtores na comercialização dos produtos da agropecuária como fator de concentração da riqueza; excedente de mão-de-obra devido a crescimento demográfico, comum a toda a Europa e não absorvido em indústrias italianas, por exemplo; e, por último, as revoltas e organização social como forma de resistência ao modelo ruralista tradicional. É esse contingente populacional que vai ocupar as colônias na América e no Brasil. Essa ocupação do território passa a ser entendida como fundacional de uma nova cidade, região ou de um *modo de vida*, uma *ética* própria do imigrante e de seus descendentes. Assim, essas pessoas teriam uma identidade e uma cultura próprias, fruto dessa especificidade. Nas comemorações emerge uma interpretação triunfalista da imigração italiana, como afirma José de Souza Martins(1992, p. 25).

Numa dimensão mais abrangente do tema, para além dos laços familiares, a contribuição de Stuart Hall (1990, p.50-84) parece importante. O autor reflete sobre a construção das culturas nacionais, afirmando que a nação é uma comunidade política *imaginada* (Benedict Anderson) entendida enquanto discurso, ou seja, um modo de construir sentidos que organiza nossas ações e a concepção que temos de nós mesmos.

Em 1975, ano das comemorações do centenário da imigração para Brusque, Rodeio, Rio dos Cedros e Nova Trento, os articulistas utilizaram a experiência de cidades situadas em uma região que até meados do século XIX possuía densa floresta de mata atlântica e presença significativa de populações indígenas para afirmar o valor positivo da imigração. Naquele século, foram implementados projetos governamentais (do Império ou provinciais) ou privados com o objetivo de promover o adensamento populacional na região⁵. Chegaram imigrantes de inúmeras regiões européias. Em 1975 comemorou-se o centenário da chegada na região de alguns desses grupos imigrantes do Trentino, de

⁵ Convém lembrar que esse não é um fenômeno isolado do panorama nacional e internacional em meados do século XIX. Conferir ROSOLI (1978).

onde veio uma delegação para as comemorações⁶. Esse reencontro foi brindado com vinho, nem sempre presente na dieta dos colonos.

A essa altura, reponho a questão de que os gabaritos de interpretação promovem leituras pautadas em perspectivas dicotômicas, tais como assimilados ou enquistados, integrados ou isolados, nacional ou estrangeiro, empreendedores leais ao país ou agentes do interesse alienígena. Nem assimilados nem enquistados, eis o argumento que move a procura das marcas do hibridismo em populações que vivenciaram o drama de recompor sua identidade na condição de imigrados. Nesse sentido, o exercício está em buscar o colorido de nossas diferenças, sem fechar o foco sobre o típico, e de como as associações atuam nas resignificações que positivam a italianidade na região.

⁶ Sobre isso conferir DOLZAN (2003).